

via lateral



revista de ensaio, arte e cultura n. 7 julho e agosto de 2018 distribuição gratuita

Virgem ou Nossa Senhora de Vladimir com menino Jesus, Ícone Bizantino de princípios do século XII



prezado leitor

humor do mundo: eua

Via Lateral entra no seu segundo ano de existência. Nesse curto período, pudemos comprovar que a manutenção de um projeto cultural, sem patrocínio estatal, é quase impossível. É preciso muito «amor à camiseta», como se diz. Felizmente, isso é o que mais temos. No entanto, leitor, mesmo assim o desafio seria insuperável sem o seu apoio. As cartas e mensagens de ânimo que recebemos, a participação desinteressada de muitas pessoas, o patrocínio fiel de nossos anunciantes, tudo isso sem dúvida foi o que tornou possível que **Via Lateral** chegasse ao seu sétimo número. No entanto, precisamos agora do seu apoio para manter a revista com seu bom nível de conteúdo e com seu espaço reduzido de publicidade. Por isso, estamos lançando uma campanha de captação de recursos que chamamos de «Assinantes Patrocinadores». Pedimos àqueles leitores que apreciam **Via Lateral**, que acreditam que um projeto cultural deste gênero é válido, necessário e deve sobreviver, que nos apoiem financeiramente fazendo uma doação (de qualquer valor). Em troca (uma troca que, esperamos, não seja desfavorável para você, leitor), receberá em sua casa os exemplares de **Via Lateral**. Tal como a página dedicada aos pequenos anúncios, também o propósito desta campanha é poder ampliar o número de páginas e a periodicidade da revista em um prazo não muito longo. Para isso, precisamos de mais recursos econômicos do que o que nos proporciona o (por outro lado, inestimável) apoio que recebemos até agora. Contamos com sua colaboração. Portanto, se você quer se tornar um «Assinante Patrocinador», faça uma assinatura-doenção e receba os exemplares de **Via Lateral** em sua casa. Entre em contato conosco pelo e-mail da revista ou pelo whatsapp que constam no quadro de Expediente aqui ao lado, nesta página. **Via Lateral** agradece profundamente. ☺

apoie
via lateral 
seja um assinante



expediente

99130-1355  revistavialateral@gmail.com

 revistavialateral  vialateral

via lateral / nº 7 / florianópolis
julho e agosto de 2018
5.000 exemplares



Edição e arte: Wanderlei S. Gomes jr. / Colaboram neste número: J.L. Gregorio Alameda, Laércio Bertrand, Nelson Cardoso, Manuel Firmo, W.S. Gomes Junior, Sonia G. Lupescu, Alzemi Machado. / O envio de qualquer matéria à Via Lateral implica a autorização de sua publicação de forma gratuita, pois a revista não remunera seus colaboradores. / As matérias assinadas são de responsabilidade dos seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista. / As imagens não acreditadas foram encontradas através do google images e não continham informação sobre os seus autores. / As matérias não assinadas são de autoria da redação.

PSICOTERAPIA
NA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA MORRO DAS PEDRAS
ATENDIMENTOS INDIVIDUAIS E GERAIS

MOBILIZAÇÃO / PROTAGONISMO / RESILIÊNCIA
EMPODERAMENTO / AUTOGESTÃO DA PRÓPRIA VIDA
AUTONOMIA PARA FAZER SUAS ESCOLHAS
DECISÕES MAIS ASSERTIVAS / VIDA EM COMUNIDADE

DIANA GOMES
PSICÓLOGA
CRP-12/01403

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA
MORRO DAS PEDRAS
AREIAS E TREVO DO ERAMO

REDE MORRO DAS PEDRAS

48 9 9928 5460 ☎
CUSTO SOCIAL

Pizzaria Bem Vindo

huummm! delícia!!

tele-entrega
3237-4299

Rua do Gramal, 57
Campeche

Sushi Delivery


NANKIN

3338-2013

www.nankinsushi.com.br

CAMPECHE

EMPÓRIO & PADARIA ORGÂNICA


CASARÃO

PÃES, BOLOS, TORTAS, PIZZA, BISCOITOS, SALGADOS, SANDUÍCHES,
ESTURRIS E EMPANADOS INTEGRAIS E ORGÂNICOS DE PRODUÇÃO PRÓPRIA
FARINHAS, AÇÚCAR, GRÃOS, ÓLEO, TOFU, AVEIA, MASSA, CACAU, CASTANHAS,
SUCOS, GELÉIAS E MUITO MAIS PRODUTOS ORGÂNICOS

Av. Pequeno Príncipe 1257 - Campeche - Florianópolis - SC
Fone (48) 3237 3077 casarao@gmail.com
www.casarao-organico.com.br



crônica

palavras

j.l gregorio alameda

No princípio era o verbo, escreveu João. Não *ipsis literis*, mas é o que queria dizer. O verbo era a palavra e a palavra era Deus. Esta é, em minha opinião, uma das frases mais plenas de significado que se escreveu algum dia. Um acerto que todo escritor almeja igualar. No princípio era a palavra. Há dois mil anos, o evangelista João sabia perfeitamente que o que nos define é a palavra, que é a palavra o que nos faz humanos. No mundo de Deus, sem a palavra não somos nada; no dos homens, não somos ninguém. Sem a palavra, somos como qualquer outro animal. A palavra nos transforma em homens e mulheres, nos reúne em grupos e nos separa.

Os cães não usam a palavra, não são humanos, não intercambiam ideias. Por isso não se unem em grupos, não forjam mitos, não levantam nações, não adoram pátrias. Um cão nascido na Sibéria não terá dificuldades para adaptar-se aos costumes de seus congêneres da América do Sul ou da Austrália. Sem a palavra não há tribos, não há clãs, não há estados, não há fronteiras.

Os cães nem se dividem em nações nem usam a palavra nem são humanos. Já os humanos, sim, são muito humanos. Inclusive os surdo-mudos, esses humanos que não falam nem ouvem, são humanos. Sempre que conheçam, claro está, a linguagem de surdo-mudos através da qual compartilham a palavra entre si e com alguns outros seres humanos.

Conheço um casal que tem um filho surdo-mudo. O que mais os preocupava, quando começaram a suspeitar que o seu filho não podia falar, não era que fosse surdo-mudo e sim que não os identificasse como pais. Temiam que, por ser surdo-mudo, seu filho não fosse capaz de compreender as ideias de pai ou mãe. Pois ninguém é pai ou mãe antes de ouvir da boca do filho amado a tão ambicionada palavra que de homem e mulher os converte em papai e mamãe. Era uma bobagem, claro, e meus amigos logo se deram conta de que seu filho podia comunicar-se com eles e compartilhar sus palavras e ideias. Seu filho era filho, era surdo-mudo, era humano.

Não obstante, é certo que um surdo-mudo é só parcialmente humano. Porque, assim como o cão,

ele tem a capacidade de se comunicar com os surdo-mudos do mundo inteiro, o que vale dizer que um mundo no qual só houvesse surdo-mudos, tal como um mundo de cães, seria um mundo sem nações. Suponho que a muitas pessoas essa ideia de um mundo sem nações, sem pátrias, não as agrada demasiadamente, mas a



Desenho da novela gráfica de Frans Masereel, *A cidade*, publicada em 1925 [modificado].

mim, sim, a mim me agrada muito. De todos modos, não se pense que o surdo-mudo, ao ser só em parte humano, se situe abaixo da humanidade. Muito pelo contrário, está bem acima dela. A palavra não o limita: o amplia. O ser humano que fala e ouve teve também um momento, nos umbrais da humanização, no qual a palavra o ampliou. Contudo, enquanto se tornava mais e mais humano, ia pouco a pouco submetendo-se aos limites da palavra que une e separa.

Agora que passaram milênios e fomos transformados em *sapiens sapiens* de cima a baixo, a primeira palavra, aquela que nos fez humanos, já não nos basta. Desejamos ser algo mais que o verbo, desejamos ser também substantivo e adjetivo, sujeito e predicado, pai ou mãe, homem ou mulher, chinês ou alemão, azul ou vermelho, e sabemos que nada disso existe sem a palavra que nos identifica (que nos une e nos separa), pois sem ela não somos nada, vivemos no limbo e sem luz.

Mas, além de tudo isso, a palavra deve ainda poder ser compartilhada, ou não será palavra. A palavra que não comunica (como um sim que em algum idioma signifique não), só a admitimos como palavra pela confiança que depositamos no estado, nos passaportes, nos dicionários, nas instituições. De outro modo, não saberíamos se um estrangeiro fala ou ladra. É certo que, aos seres vivos que fisicamente se nos parecem o suficiente como para que sejamos capazes de distingui-los dos cães ou dos camelos, damos-lhes um voto de confiança. Não basta, porém, que os sons que produzam sejam mais articulados que os que emite um cão: para que os aceitemos como parte de nossa própria humanidade, precisarão antes compartilhar conosco a palavra que nos dá vida. Uma palavra compartilhada, uma só, uma única palavra pronunciada e compreendida será suficiente para que reservemos, até mesmo ao mais canino dos seres, um espaço qualquer entre nós. Enquanto não possa fazê-lo, permanecerá no meio da noite, uivando na escuridão. ✎

J.L. Gregorio Alameda é bancário e escritor.

Ψ Sérgio Scotti Psicanalista

CRP: 12/00138

Professor de psicologia da UFSC

Orientador da pós-graduação

Mestre pela UFSC

Doutor pela USP - Universidade de Paris 8

whatsapp (48) 9 9961 1011

sergioscottis53@gmail.com

Atendimento no centro da cidade



Fitas, Rendas, Grelots, Sianinhas
Linhas diversas
Acessórios para Máquina de Costura
Elásticos, Zíperes, Botões
Aglhas de vários tipos
Tecidos Puro Algodão
Bastidores para Bordado
Tesouras, Cortadores, Placas de corte
Aviamentos em geral

♥

Avenida Afonso Delambert Neto 637
Lagoa da Conceição
Dentro da loja Beco do Bagre

uma criança raptada

O relato transcrito abaixo reproduz uma interessante crônica noticiosa do primeiro número do jornal *A verdade*, publicado em Florianópolis no dia 11 de abril de 1921 (não se indica o autor). Atualizamos a ortografia e a pontuação, mas conservamos o texto original.

Há alguns meses moram, ali para os lados de Aririú, vindo de paragens longínquas do Rio Grande do Sul, um casal de velhos, acompanhados duma linda criança loura e inteligente que a todos prendia e com todos se dava. Rosália, era este o nome dessa criança encantadora, que podia ter aproximadamente dez anos.

Os velhos, apesar de sua pobreza, viviam felizes, pois lhes suavizava as agruras e privações da existência aquele querubim, que sempre sorrindo e cantando, afastava daquele tugúrio toda a sorte de tristezas e contrariedades.

Há dias, já no lusco-fusco, bateu à porta dos velhos um casal maltrapilho, trazendo uns mulambos às costas, que, solicitando pousada, se diziam viajantes do Paraná que se dirigiam ao sul do Estado a procura de trabalho. Penalizados daqueles dois peregrinos, os bons velhos lhes deram comida e cama.

Rosália, que a todos agradava, muito ativa e bondosa, foi que encarregou de fazer a cama dos viajantes, que se mostravam muito reconhecidos.

Em dado momento, o homem chamou a mulher à rua, e aí concertaram o plano miserável de roubar a pobre menina. Feita a combinação, voltaram para dentro de casa e, pretextando cansaço, foram se deitar, não sem depois [sic] de bem examinarem o quarto dos velhos, onde também dormia Rosália, a querida netinha

criada por aqueles velhos, que ficara sem mãe logo nos primeiros dias de vida.

Quando a noite ia em meio, acordaram-se os hóspedes. Ao longe um cão uivava, triste e lugubrememente, quebrando o profundo silêncio daquele lugarejo.

Levantaram-se, e o homem, pé ante pé, foi ao quarto dos velhinhos; e, tateando aqui e ali, deu com a pequena que dormia nos pés da cama dos seus avós. Muito cuidadosamente, o bandido retirou-a nos braços e, voltando à pequena sala onde lhe ficara esperando a companheira, abriram a porta e demandaram pela estrada em fora.

De manhã, qual não foi a surpresa dos velhinhos, [ao] não verem Rosália na cama! Ao princípio, julgaram que ela havia ido à cozinha. Chamaram-na, procuraram-na por toda parte, e acabaram convencendo-se de que os viajantes haviam raptado Rosália. Desesperados, loucos de dor, completamente desvairados saíram os velhos pela estrada chamando, gritando:

—Rosália! Nossa querida Rosália, aparece!

Os vizinhos, compreendendo a grande dor daquelas boas criaturas, juntaram-se e saíram a procura de Rosália. Nada, porém, conseguiram.

Os miseráveis raptadores, tomando rumo diferente, talvez a estas horas tenham trocado ou vendido a infeliz criança, que tão cedo já começa a sofrer a sorte cruel dum destino ingrato. **CS**



Nas fotos acima, turmas femininas de grupo escolares catarinenses da década de 1920. Em muitas escolas da época, era normal que meninos e meninas tivessem aulas em turmas separadas. (Arquivo Público do Estado de Santa Catarina).

infância recuperada

Não é fácil saber se a história narrada acima se refere a um acontecimento real ou se é fruto da imaginação de um redator do jornal *A verdade*. A necessidade de encher páginas, de proporcionar ao leitor histórias emocionantes bem pode ter sido a musa que inspirou o relato. A hipótese mais provável, em nossa opinião, é que narração da tragédia de Rosália e seus avós, embora contenha uma boa dosagem de adornos literários, está «baseada em fatos reais», como é comum se dizer hoje em dia (mas sem a advertência explícita, que na época se julgava desnecessária). Talvez até porque o leitor já esperasse e considerasse legítimo que a imaginação do escritor, por carecer de mais dados, se encarregasse de proporcionar o decorado emotivo da narração.

O importante, em qualquer caso, é observar que tragédias como a da pequena Rosália faziam parte da vida cotidiana daquelas pessoas humildes que não tinham a quem recorrer



quando alguma desgraça irrompia em suas vidas. Acontecimentos semelhantes se repetiam por todas partes e estavam mais ou menos integrados na «normalidade das coisas».

De qualquer modo, é bom que se recorde que as crianças, até bem pouco tempo, tanto no Brasil como em muitos países do mundo, não eram objeto de preocupação excessiva nem por parte dos pais e familiares nem por parte das instituições. Em certa medida, isso se devia ao fato de que os índices de mortalidade infantil eram elevadíssimos, e as possibilidades reais de que uma criança qualquer (e mais ainda se fosse pobre) chegasse aos doze ou treze anos (idade em que, automaticamente, deixava de ser criança) eram escassas. Por essa razão, era mais sensato, por parte dos pais, moderar o amor que sentiam pelos filhos, para não tornar impossível a vida.

Somente bem avançado o século XX, quando a penicilina, as novas ideias sobre higiene e o controle da natalidade aumentaram as probabilidades de sobrevivência dos filhos é que o «amor familiar» pode desabrochar livremente no coração dos pais. E, com ele, veio também (embora bem mais tarde) a ideia de que a infância deve

Cão
Carinho e Afeto
BANHO E TOSA
Pet Delivery
98459 0429
3338 0353
Campeche

Feelin
IMÓVEIS
48 3209 3646
Rua do Gramal, nº 1600 / Sala 01
Campeche - Florianópolis
feelinmoveis@gmail.com

TOPMADE
madeiras tratadas autoclave
3335-0085
SC 405, nº 1420
Campeche

Armazém
VITAL
Produtos para uma Vida Natural
Rod. Armando Calil Bulos, 5999
Ingleses - Florianópolis

⇒ ser protegida. No caso do Brasil, esse último aspecto da mudança tem ainda poucas décadas de existência, como todos sabemos.

Até que essa revolução científica e comportamental ocorresse, o seqüestro de crianças, se não habitual, tampouco era raro em cidades como Florianópolis (ou qualquer outra). Os jornais da época testemunham de maneira eloqüente que o comércio de crianças, embora ilegal, era de conhecimento público. Por todas partes se vendiam crianças como se vendia mercadoria. Se ninguém a reclamava, ou se pertencia a família pobre e, portanto, sem direitos, nada era feito para recuperar a criança desaparecida. E o comprador, que tinha menos dificuldades para mantê-la consigo do que um criador de gado tem hoje para comprovar a propriedade de uma vaca, podia explorar livremente tanto a sua força de trabalho quanto o seu corpo ou, mais comumente, ambos.

Para que o caso de Rosália inspirasse simpatia entre os leitores de jornal —isto é, da minoria letrada da cidade—, o jornalista pintou a desgraçada menina com as cores estereotipadas da beleza, que ainda hoje comovem com maior eficácia o coração de boa parte dos brasileiros. O que, por outro lado, dá uma maior credibilidade à tragédia de Rosália, pois ao tratar-se de uma menina «loira e inteligente», era talvez mais fácil que a lembrança do episódio pudesse superar o tempo e atravessar a distância —longa, para os meios de transporte da época— que separavam a região do Aririu e a cidade de Florianópolis. De fato, no mesmo exemplar do jornal *A verdade*, há também uma nota que critica a irregularidade e as dificuldades do transporte marítimo entre o continente e a ilha.

Quando se tratava de população indígena, nem era necessário que o seqüestrador agisse na

calada da noite. Sob qualquer pretexto mal explicado (um alegado ataque a uma fazenda, por exemplo), formavam-se grupos de indivíduos armados que se embrenhavam pelo mato (que na época ainda era abundante no estado), a caçar índios como quem caçava animais. Alguns dias depois, essas bandas de «bugreiros» regres-savam com o seu botim humano, formado principalmente por crianças, que logo eram leiloadas a céu aberto [veja artigo em *Via Lateral* n° 1].



Fachada do Museu da Inconfidência (Belo Horizonte)
<http://www.museus.gov.br/tag/inconfidencia>

biblioteconomia

o livro proibido

alzemi machado

A Biblioteca Pública de Santa Catarina comemorou, no dia 31 de maio, 164 anos. Dentre os livros que pertenceram ao acervo, destaco um que ficou sob sua guarda durante 124 anos: o *Récueil des Loix Constitutives des Colonies Angloises, Confédérées sous la Dénomination D'Etats-Unis del'Amérique Septentrionale*.



Frontispício do livro que circulou entre os «Inconfidentes».
<http://www.scielo.br/scielo.php>

O livro é uma tradução do inglês para o francês feita por Claude Régner, e editado em 1778. Trata-se de uma compilação das constituições de seis estados confederados e da Declaração da Independência americana, proibida de circular na Colônia. Publicações de teor político eram

censuradas, o que fortalecia o comércio de livros clandestinos. Assim, dois exemplares do *Récueil* adentraram no Brasil em 1788 e circularam entre os rebeldes da «Inconfidência Mineira».

Um dos exemplares foi destruído às vésperas do início da repressão ao levantamento de 1789. O outro exemplar foi um presente de José A. Maciel a Tiradentes, quando se encontraram em julho de 1788, no Rio de Janeiro. Pouco antes de sua prisão, Tiradentes entregou o livro a Francisco Machado, membro dos Dragões de Minas, para que o levasse de volta à Vila Rica. Entretanto, esse exemplar acabou entregue ao governador, o Visconde de Barbacena, que ordenou uma investigação paralela à devassa movida contra os *Inconfidentes*, a cujos autos a publicação foi apensada.

Decorridos setenta e um anos, o mesmo exemplar voltou a circular, embora não em território mineiro e sim em Florianópolis (Desterro). Como essa obra, peça integrante de um inquérito, veio parar em solo barriga-verde?

Em 1860, sabedor de que a cidade de Desterro estava criando uma biblioteca pública, Alexandre de Mello Moraes, diretor da Biblioteca Nacional, doou cerca de 1000 obras para constituir o acervo. Entre essas obras se achava o *Récueil*, junto aos demais documentos da *Devassa*.

O livro permaneceu na Biblioteca Pública de Santa Catarina durante muitos anos, mas eram conhecidos os movimentos de diversos governantes mineiros com o intuito de que a obra fosse enviada a Minas Gerais. Entretanto, houve uma forte resistência dos sucessivos diretores da instituição em sentido contrário, até que, em 1984, o governador mineiro Tancredo Neves oficializou o pedido ao governador Esperidião Amin, que autorizou o traslado do livro a Belo Horizonte.

Antes de viajar para sua nova casa, o famoso livro passou por um profundo processo de higienização e restauração, com o reforço da costura executado pelos encadernadores da BPSC. Foi, depois, cuidadosamente acondicionado em uma bela caixa de madeira, confeccionada especialmente para a ocasião por detentos da penitenciária estadual. Assim, no dia 21 de abril de 1984, a obra foi doada ao Museu da Inconfidência de Belo Horizonte. Na solenidade que acompanhou o ato, o governador de Santa Catarina foi condecorado com a Medalha da Inconfidência, comenda que, por justiça, deveria ter sido concedida à Biblioteca Pública de Santa Catarina.

Alzemi Machado, Bibliotecário, Mestre em Educação e Cultura, é Coordenador Técnico da Hemeroteca Digital Catarinense

efaz

Escola da Fazenda

Educando para transformar o mundo

Rua Jaborandi, 324 - Campeche
www.efaz.com.br 3237-4602



Talher Grill

Restaurante e Buffet

mais do que desfrutar de uma deliciosa

comida caseira

VOCÊ VAI SE SENTIR EM CASA

No **Talher Grill** você pode saborear uma deliciosa comida caseira. Mas você vai ter ainda mais do que isso: Com o ambiente agradável e o atendimento amigo, Você vai se sentir em casa!

Rua do Gramal, 190 - Campeche - 3065-5048
[ao lado do Hiperbom]



crônica

o gol que não foi

laércio bertrand

Como estamos em tempos de Copa do Mundo, estive dando um passeio pela internet, em busca de antigos comerciais televisivos com referências futebolísticas e, entre tanta curiosidade, me chamou a atenção uma propaganda que modifica o rumo da história.

Trata-se daquela famosa jogada, na Copa de 1970, em que Pelé engana o goleiro uruguaio com um movimento de corpo, formando uma meia lua com a linha da bola cruzada, deixando o goleiro caído e chutando para gol. A bola não entra, mas passa raspando o travessão esquerdo. E a jogada, um gol falido, tornou-se o símbolo da genialidade do homem que foi capaz de fazer mais de mil gols e ser proclamado rei do futebol.

Na propaganda, graças aos efeitos especiais, a bola entra. O que não deixa de ter sua graça, mas que, como final, é muito inferior ao verdadeiro, e isso tanto do ponto de vista plástico como filosófico. E explico por quê.

Não acredito que esse lance, terminando em gol, ficasse mais famoso que muitos outros de Pelé. O que o torna inesquecível é justamente o fato de a bola não ter entrado. A possibilidade não realizada é o que o magnifica, pois acentua a dificuldade e, com a dificuldade, a genialidade do rei. Desse modo, a atenção se desvia do gol para aquilo que o torna possível: o drible inesperado, artístico, genial, dificilmente comparável a qualquer outro, mesmo aos de Pelé.



Sempre haverá disputa quando se trate de escolher o gol mais bonito já feito. Afinal, mesmo o gol mais belo é sempre um gol. Mas ninguém discutirá quando se trate de escolher o lance mais extraordinário da história do futebol. Foi o gol que Pelé não fez. Assim mesmo: o gol que Pelé não fez. Pode haver coisa mais extraordinária que um gol que nunca existiu? Pois aí está, Pelé, o Rei, impondo as leis do seu reino sobre as da lógica e da ciência: um gol que, não sendo, é!...

Laércio Bertrand é jornalista.

Apoie Via Lateral prestigiando nossos Patrocinadores

Ensino

UNIDADE INGLESES CURSOS

- INFORMÁTICA
- PROFISSIONALIZANTES
- BELEZA
- IDIOMAS

48 3364-5340
48 99868-9325
WWW.OPENBE.COM.BR

Advogados

AS & S

Alves & Soares Advogados

Rod. Armando Calil Buios (SC 403), 6201 sala 217
Ingleses, Florianópolis



Papelaria

POINT PAPELARIA & BRINQUEDOS

João Gualberto Soares, 735
Ingleses

☎ 3369 7251

MilColors
Papelaria

Rodovia João Gualberto Soares, 671 - Loja 0-3
Ingleses - CEP 88058-300 - Florianópolis
Fone: (48) 3269.4239

Saúde

flôres
PSICOLOGIA

Rod. Armando Calil Buios (SC 403), 6201, sala 208
☎ 3371-4609 | 99138-9927
www.espacoflorespsicologia.com.br

ÓTICA ZANI

Rua José Rosa, 265 - Canasvieiras
☎ 3369 0454
oticaczani@hotmail.com

Moda

Brechó
Feira Americana

999621128
R. José Rosa, 449 Loja 4
Canasvieiras

LOJA MEGA 12

Intendente João Nunes Vieira, 1025
(48) 3371-2656
Ingleses

Informática e Celulares

INOVA TEC

ASSISTÊNCIA TÉCNICA ESPECIALIZADA
Móveis, Notebooks, Tablets e Celulares

48 99859-1001

Rua Int. João Nunes Vieira, 865 - Loja 02
Em frente ao Super Siga
Ingleses - Florianópolis - SC

DOC+OR CEL

João Gualberto Soares, 166
Ingleses

☎ 99188 0828

ÓTICA FUTURA

Rod. João Gualberto, 96
Ingleses

☎ 3204 9081 ☎ 99998 4471

Dra. Cassiane C. de Meira
CIRURGIÁ DENTISTA
CROSC 798

3226 6180 / 99972 1329
cassiac@hotmail.com

Rod. Armando Calil Buios (SC 403), 6201 sala 209
Ed. Ingleses Office Center - Ingleses

MIRAZZI PLUS SIZE

João Gualberto Soares, 117
Loja 3

☎ 3030 9918

Alimentação

Rodízio pizza

Mercatto

Fique atento a nossas promoções

TELE-ENTREGA
3365-0734
3365-0735

Café La Moka

No hall do Ingleses Office Center
(Correios e Banco do Brasil)

Vidros

PortoVidros
Vidraçaria

João Gualberto Soares, 487 - Ingleses
3369 7164

Box, Espelhos, Esquadrias de Alumínio
Vidros Temperados em Geral

Mão de Obra Especializada
Orçamento Grátis

Móveis

Rizzatti móveis

☎ 98403 6090 ☎ 3369 3713

www.rizzattimoveis.com.br
f Rizzatti Moveis i rizzattimoveis

Rod. João Gualberto Soares, 835
Ingleses - Florianópolis

LOJA Estampa Nativa

moda praia

Dom João Becker, 354 - Loja 03
INGLESSES - FLORIANÓPOLIS

☎ 3369-4474

TOUCHIC
for you

Rod. João Gualberto Soares, 653
Ingleses

☎ 9 8903 5304 f @touchicforyou

TOP 15

PREÇO ÚNICO
R\$ 15,00

Rod. João Gualberto Soares, 515
Ingleses
Pça. Nereu Ramos - Centro - Biguaçu

Loja ADRENALINA

Acessórios Vestuário Eletrônicos Tênis

João Gualberto Soares, 251
Ingleses

☎ 9 9516 0830



caleidoscópio

ansiedade

nelson cardoso

albert einstein & charles chaplin

O gênio da ciência e o gênio da arte se encontram.

Einstein: O que eu mais admiro na sua arte, é a sua universalidade. Você não diz uma única palavra, mas mesmo assim o mundo inteiro o entende!

Chaplin: É verdade. Mas a sua façanha é ainda maior. O mundo inteiro o admira, embora ninguém entenda uma única palavra do que você diz!



Einstein e Chaplin.
Foto: Nobel Prize Org.



sócrates na prisão

Uma pessoa (não vamos dizer quem) entra na cela onde Sócrates, o filósofo ateniense condenado à morte, espera o dia da execução. Puxando-se os cabelos em sinal de dor, grita desesperadamente: «Sócrates! Sócrates! Foste condenado injustamente!». Ao que o filósofo, impertérito, responde: «E o que esperavas, insensato? Preferias, acaso, que me houvessem condenado justamente?!»

o fungo maravilhoso

Em 1928, o escocês Alexander Fleming trabalhava como bioquímico chefe no Saint Mary's Hospital de Londres. Em seu laboratório, o cientista cultivava dezenas de bactérias, que retirava muitas vezes de pacientes do hospital, para descobrir a melhor maneira de combater as doenças a que davam origem. A grande ameaça aos seu trabalho era o mofo. O laboratório tinha pouca ventilação e uma das paredes confinava com a sala das caldeiras. Possuía apenas duas janelas, que davam para o jardim do hospital e pelas quais entravam poeira, insetos, restos vegetais e uma grande variedade de fungos aéreos. Era praticamente impossível evitar que os fungos contaminassem as bactérias nas quais ele trabalhava. Uma manhã, Fleming quase teve um infarto ao entrar em seu laboratório e ver que o apreciado pratinho onde cresciam suas puras bactérias de *staphylococci* fora infestado e arruinado por um estranho fungo esverdeado. Logo, porém,



O fungo *Penicillium notatum*.
Foto: Nobel Prize Org.



Alexander Fleming, em um selo comemorativo emitido nas Ilhas Faroe.

ao comprovar que as bactérias que cultivava com tanto cuidado estavam mortas, o cientista intuiu que estava a beira de um importante descobrimento. Começou imediatamente a investigar por que o fungo era capaz de destruir uma das mais resistentes, tenazes e mortais bactérias até então conhecidas. Poucas semanas mais tarde, descobriu que o fungo (*Penicillium notatum*) secretava uma substância capaz de matar não só o temido *staphylococcus* mas também um grande número de bactérias que atacavam os seres humanos. Acabava de descobrir o primeiro antibiótico, a **Penicilina**. Graças ao posterior trabalho de outros cientistas (como Dorothy Hodgkin, que decifrou a estrutura da molécula; Howard

Florey e Ernest Chain, que descobriram como sintetizá-la), a penicilina começou a ser produzido em massa já ao final da II Guerra Mundial. Nas décadas seguintes, salvaria milhares de vidas em todo o planeta e, em 1964, proporcionaria ao seu descobridor o Prêmio Nobel de Medicina. 

Gabriel* sempre foi um rapaz isolado. Tinha medo de ser exposto a situações nas quais pudesse se sentir «ridicularizado». Desde sua infância, na época da escola, sentava atrás e tinha poucos amigos. Certa vez, um psiquiatra o diagnosticou com TDA (*Transtorno do Déficit da Atenção*), e Gabriel foi medicado com um remédio específico. Porém, isso não melhorou seu desempenho escolar ou fez com que tivesse mais amigos. Já na adolescência, teve poucas amizades sinceras (já que é bastante desconfiado), não conseguia desenvolver relacionamentos afetivos. Ele se cobrava demasiadamente no desempenho. A duras penas concluiu o ensino médio, porque sempre alegava ser «desatento».

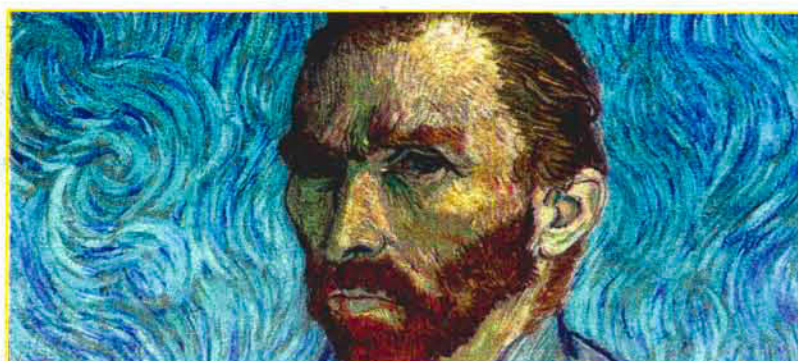
Porém, já adulto e com as cobranças naturais de tal idade (contas, trabalho, escalada social, etc) a sua falta de atenção mudou para uma sensação de «cabeça vazia, oco no estômago, náuseas e urgências intestinais». O medo da exposição potencializou e ele começou a ficar mais em casa. O isolamento tornou-se mais importante na sua vida. Tinha medo de que qualquer coisa pudesse afetá-lo.

Depois de muito insistir, seu pai agendou um horário com um especialista em Psiquiatria para que pudesse fazer um correto acompanhamento do filho, pois via o seu sofrimento. Assim, após o acompanhamento médico, Gabriel foi diagnosticado com *Transtorno de Ansiedade Generalizada* (TAG). Esse quadro foi explicado por uma herança genética, já que tinha um avô que «estava sempre em um consultório médico e tinha mania de doenças». Ele foi medicado com um **neuromodulador** (termo usado atualmente para os conhecidos anti-depressivos ou ansiolíticos). A dose da medicação também foi ajustada para seu perfil e em poucas semanas Gabriel estava praticamente curado. Porém, foi-lhe explicado que ansiedade não tem cura, e sim tratamento.

Existem milhares de «Gabriéis» espalhados pelo mundo, sofrendo com sintomas de ansiedade e que não têm acesso a tratamento especializado ou à medicação específica. A **Psiquiatria** ainda é uma área de muitos mitos e tabus que devem ser quebrados. Que tal buscarmos esclarecimento?

(*nome fictício.)

Nelson Cardoso é médico psiquiatra (CRM/SC 14161)
nelson79cardoso@gmail.com



Autorretrato [pintura de 1889, detalhe], de Vincent van Gogh (1853-1890). Segundo os seus biógrafos, o genial pintor holandês padecia uma profunda ansiedade, talvez o *Transtorno de Ansiedade Generalizada* mencionado no texto acima. Infelizmente, em sua época praticamente nada se sabia a respeito desse tipo de doenças. De qualquer maneira, padecê-la não impediu que van Gogh se tornasse um dos pintores mais importantes e influentes de todos os tempos.

UNIDADE INGLESES CURSOS

- INFORMÁTICA
- PROFISSIONALIZANTES
- BELEZA
- IDIOMAS

48 3364-5340
48 99868-9325
WWW.OPENBE.COM.BR

Templar Bier

Rod. Armando Calil Bulos, 6040
(Geral dos Ingleses, 100 mts do Brasil Atacadista)
☎ 99681 8978

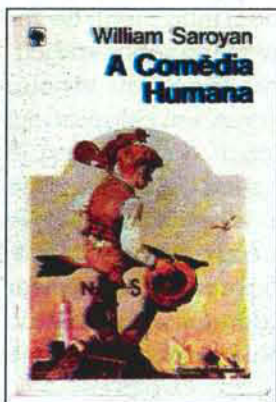
DOCA'S
Restaurante

O melhor sabor da Praia!
Especializado em Frutos do Mar
Sequência de camarão | Buffet por quilo com churrasco
A la carte de frutos do mar | Buffet de sobremesa

(48) 3269 2538 / 3369 6032 - Rua Dom João Becker, 186 - Praia dos Ingleses - Floripa - SC - www.docarestaurante.com.br

uma dedicatória

william saroyan [por manuel firmo]



Terminei de ler esses dias um livrinho maravilhoso intitulado *A comédia humana*, de William Saroyan. O autor, um norteamericano de origem armênia, escreveu-o em 1942, em plena Segunda Guerra Mundial. O meu exemplar é

de uma edição de banca dos anos 1980, uma coleção chamada «Grandes Sucessos» (ilustração), muitos devem conhecê-la. Em qualquer sebo se acha e não costuma custar mais de 10 reais, embora valha muito mais. Transcrevo abaixo a dedicatória do autor. É uma das dedicatórias mais belas que já li.

«Esta história é para Takoohi Saroyan.

Custei tanto a escrever uma história especialmente para você porque queria que fosse uma história especialmente boa, talvez a melhor de todas que eu jamais possa escrever, e agora, por fim, um pouco às pressas, acabei tentando. Poderia ter esperado um pouco mais, mas, como nunca se sabe o que vem depois ou que capaci-

dade ou inclinação ainda terei depois de tudo o mais, apressei-me um pouco e arrisquei-me com a capacidade e a inclinação que tenho agora. Cedo, espero, alguma pessoa maravilhosa traduzirá a história para o armênio, e assim ela estará numa língua que você conhece bem. Na tradução, a história talvez seja melhor de ler do que em inglês, e, como você tem feito antes, talvez queira ler uns pedaços dela para mim, mesmo que eu a tenha escrito em primeiro lugar. Se assim for, prometo estudar e maravilhar-me com a beleza de nossa língua, tão pouco conhecida e sempre menos apreciada por quaisquer outros que não você. Como você não sabe ler e apreciar o inglês tão bem como lê e aprecia o armênio, e como não sei ler ou escrever o armênio, só podemos rezar por um bom tradutor. De qualquer maneira, porém, esta história é para você. Espero que goste dela. Escrevi-a com toda a simplicidade possível, com esse misto do severo e do alegre que é especialmente seu e de nossa família. A história não é suficiente, sei, mas, que tem isso? Certamente parecerá suficiente a você, já que seu filho a escreveu e teve tão boa intenção.

William Saroyan»

sabedoria oriental

a maior sabedoria

kung fu-tse (confúcio)

Todas as coisas são como árvores: têm suas raízes e tem os seus ramos. Assim, todos os assuntos têm fim e começo. Conhecer o que é primeiro e o que é último, eis o caminho que leva à maior sabedoria.

Os antigos, que desejavam dar exemplo de virtude em seu reino, começaram por bem ordenar seus próprios Estados. Querendo ordenar bem seus Estados, ordenaram primeiro suas famílias. Querendo ordenar suas famílias, cultivaram antes suas pessoas. Querendo cultivar suas pessoas, primeiro corrigiram seus corações. Querendo corrigir seus corações, primeiro trataram de ser sinceros em seus pensamentos. Querendo ser sinceros em seus pensamentos, primeiro ampliaram ao máximo o seu conhecimento. Essa extensão do conhecimentos surge da investigação sobre as coisas.

Uma vez que as coisas foram investigadas, seu conhecimento tornou-se completo. Sendo

completo seu conhecimento, seus pensamentos foram sinceros. Sinceros que foram seus pensamentos, seus corações corrigiram-se. Corrigidos os corações, suas pessoas foram cultivadas. Cultivadas suas pessoas, ordenaram-se-lhes as famílias. Ordenadas suas famílias, com justiça foram ordenados os seus Estados. Governados os seus Estados com justiça, todo o reino viveu tranquilo e foi feliz.

Desde o Filho do Céu até à massa do povo, todos devem considerar o cultivo da pessoa como a raiz da qual brotam todas as outras coisas. Se a raiz é descuidada, não pode o que dela nasce ser bem ordenado. Pois nunca se deu o caso de que se cuidasse levemente aquilo que tem grande importância; nem, ao mesmo tempo, que tenha sido objeto de grandes cuidados aquilo que tem pouca importância. ☞



Confúcio (551-479 a.C.) é um dos principais pensadores chineses.

penélope

sonia g. lupescu

Me levanto às seis da manhã. O outono está apenas começando. Ou quem sabe é o verão que está ainda terminando. Me sirvo uma xícara de café preto, bem quente, e vou para a varanda da frente de casa. São seis horas da manhã ou pouco mais e deve ser, na verdade, primavera, porque o dia já está claro, embora haja muita serração. Os corpos dos primeiros operários da fábrica de sapatos de aqui perto surgem da neblina como fantasmas. Só muito ao longe se ouve o ruído de algum caminhão ou de um ônibus ou de um automóvel. Mais longe ainda posso ouvir a sonata melancólica da flauta do amolador de facas. Sempre acreditei no amolador de facas. Algo me diz que, enquanto houver pelo mundo a melodia triste do amolador, ainda haverá esperança... Depois, ouço também o cantar de um galo e o latir de um cão. Tudo longe, absurdamente longe, muito, muito longe, como se viesse não de um quintal distante mas sim de outro mundo. Mas quem pode saber que mundos há no fim dos quintais quando a névoa cai?

Então, de repente, os vultos dos operários da fábrica de sapatos, agora mais numerosos, rompem a neblina e o silêncio com sua marcha ritmada, triste e resignada: *tchonc, tchonc, tchonc*. Vão fabricar sapatos. Levam escrito no rosto matutino o cansaço que no entanto só sentirão à tarde. Um deles, porém, me sorri: é o Nestor, eu o conheço de outra época. Nestor é sábio e forte, dizem que já viveu três vezes. Pobre Nestor, ainda se lembra de mim. E eu que me esqueci dele faz tanto tempo... Aí está, aí o vejo, com sua marmita na bolsa à tiracolo, o cigarro de palha na boca, preto como o carvão. Por onde andarás o Nestor a essas alturas?... Mas me sorri e eu lhe devolvo o sorriso.

Outro operário me diz bom-dia. E o seguinte (ou o que vem logo depois dele) aponta para a xícara de café. Eu a levanto como brindando, mas não sei a quê. Todos me sorriem agora, como se não houvesse no mundo uma coisa mais digna de admiração que eu e o meu café. E eu sorrio também, um pouco envergonhada de fazer parte de uma lembrança. Quem será que me imagina assim? E quem será essa mulher de rosto colorido e perdido que, na casa do outro lado da rua, meio apagada pela serração, olha pela janela? Será ela, a criadora desse sonho?

Enquanto reflito sobre isso, a mulher entra, mas em seguida retorna para fechar a janela e me olha pela primeira ou última vez. Quase ao mesmo tempo, a sirene da fábrica de sapatos dispara, cortando a manhã e dividindo o dia. Quando se acalma, não restam nem silêncio nem névoa nem Nestor nem operários pela rua. E então, muito ao longe, quase inaudível, como um eco da manhã que desapareceu, ouço de novo a melodia doce da flauta do amolador de facas. ☞

Sonia G. Lupescu é escritora.

